

VOLUNTARIADO: DO TRABALHO ASSISTENCIALISTA ÀS POSSIBILIDADES DE PRÁTICAS COMUNITÁRIO-LIBERTÁRIAS

VOLUNTEERING: FROM WELFARE WORK TO THE POSSIBILITIES OF COMMUNITY-LIBERTARIAN PRACTICES

Milena Filippo Batista¹

Mayara Aparecida Fiorotti²

Amailson Sandro de Barros³

RESUMO: Trata-se de um relato de experiência oriundo do estágio básico de psicologia em contextos sociais e comunitários. A experiência ocorreu em uma Organização da Sociedade Civil (OSC) localizada em Cuiabá/MT, e foi orientada pelas premissas teórico-metodológicas da investigação-ação-participante (IAP) e da psicologia social comunitária. O trabalho voluntário aparece como elemento estrutural da OSC, sendo desenvolvido de modo assistencialista e caritativo. A superação desse modo de operacionalizar o trabalho voluntário na OSC seria possível a partir da práxis comunitário-libertária, o que favoreceria o desenvolvimento de atividades socioassistenciais reflexivas e críticas, bem como comprometidas com processos de mudança social.

Palavras-chave: voluntariado; psicologia comunitária; estágio básico em contextos sociais.

1 Discente da Universidade Federal de Mato Grosso.

2 Discente da Universidade Federal de Mato Grosso.

3 Discente da Universidade Federal de Mato Grosso.

ABSTRACT: This is an experience report from the basic internship of psychology in social and community contexts. The experience took place in a Civil Society Organization (CSO) located in Cuiabá/MT, and was guided by the theoretical-methodological premises of participant-action research (IAP) and community social psychology. Volunteer work appears as a structural element of the CSO, being developed in an assistentialist and charitable manner. Overcoming this way of operationalizing volunteer work in the CSO would be possible from the communitarian-libertarian praxis, which would favor the development of reflexive and critical social assistance activities, as well as committed to social change processes.

Keywords: volunteering; community psychology; basic training in social contexts.

Introdução

Neste artigo, configurado como relato de experiência, apresenta-se o recorte de uma prática de estágio básico em contextos comunitários, referente ao curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). O estágio compreendeu o período de novembro de 2019 a janeiro de 2020, e foi realizado em uma Organização da Sociedade Civil (OSC), localizada em um bairro de Cuiabá. A OSC em tela caracteriza-se por ser uma instituição sem fins lucrativos, que realiza trabalhos de caráter socioassistencial, com atuação na defesa e na garantia de direitos de seus usuários. Os serviços prestados pela OSC, de acordo com seu estatuto, são considerados de proteção social de média complexidade.

Conforme a Política Nacional de Assistência Social – PNAS (2005), a média complexidade é direcionada às pessoas que vivenciam situações de violação de direitos ou de violência, mas que ainda

possuem uma rede de apoio familiar e comunitária. Comumente esse serviço é oferecido em Centros de Referência Especializados da Assistência Social (CREAS).

A equipe técnica da OSC, na época, era composta por uma pedagoga (coordenadora do instituto) e uma psicóloga. Outros profissionais também realizavam atividades pontuais na OSC, por meio de parcerias, não se configurando propriamente membros efetivos da equipe. A partir dessas parcerias eram desenvolvidas atividades artísticas, orientação profissional a imigrantes haitianos e fisioterapia.

Optou-se por apresentar e problematizar a forma como se materializam os trabalhos ofertados pela OCS, a partir dos quais se destacam o voluntariado e as práticas desenvolvidas com a população-alvo.

Segundo Oliveira (2018), o trabalho voluntário pode ser classificado de dois modos: formal e informal. O primeiro é caracterizado como serviço prestado a terceiros com intuito de ajudar uma causa ou alguém em um âmbito organizacional. O segundo, por sua vez, é quando a prática de ajudar as pessoas ocorre fora das organizações, como, por exemplo, auxiliar uma senhora a atravessar a rua. Dessa forma, o trabalho voluntário tratado neste artigo refere-se à classificação formal da prática, visto que perpassa pela esfera de uma OSC.

Herranz e Nadal (2004) observam algumas características que são comuns a todo trabalho voluntário, como por exemplo: atuação livre das pessoas voluntárias, altruísmo, gratuidade na oferta dos serviços, parcerias com entidades públicas, privadas e movimentos sociais. Para esses autores, é importante que o trabalho voluntário não se configure como uma resposta individual ou coletiva perante responsabilidades próprias do Estado em garantir e efetivar direitos à população vulnerável, ou que esse trabalho seja utilizado como estratégia para inibir a criação de novos postos de trabalho remunerado.

De acordo com Freitas (2010, p. 88), a depender da maneira como são realizados os trabalhos com a comunidade pelos profissionais (voluntários ou não), “os setores populares podem se tornar alvos fáceis de programas assistencialistas e paternalistas”, o que gera efeitos contrários ao “processo de participação e à conscientização política da população”.

Metodologia

A metodologia utilizada neste estudo pautou-se nas premissas da investigação-ação-participante (IAP) e nas práticas da Psicologia Social Comunitária Latinoaméricana (FREITAS, 2010; FRIZZO, 2014).

A IAP tem como característica a consideração da indissociabilidade entre a pesquisa – entendida como processo de investigação e produção de conhecimento – e a intervenção psicossocial, ambas pautadas na possibilidade de transformação dos determinantes sociais e subjetivos que compõem a realidade na qual os sujeitos estão inseridos (FRIZZO, 2014). A prática de estágio, portanto, ocorreu com a participação ativa das estagiárias nas atividades cotidianas da OSC e nos momentos de supervisão acadêmica.

Apresentação e discussão dos dados

Trabalho voluntário

O trabalho voluntário se constitui como uma estratégia que muitas OSCs adotam e estimulam como forma de estabelecer parcerias na realização de atividades sociais e comunitárias. Na OSC onde o estágio básico de Psicologia em Contextos Comunitários foi realizado, este tipo de trabalho se apresenta como elemento estrutural do serviço e das práticas ofertadas para a população atendida. Foi observado que

todos os profissionais da equipe atuam voluntariamente na OSC, e não recebem qualquer tipo de remuneração pelos trabalhos realizados.

Na OSC em questão, o trabalho voluntário é caracterizado pelo senso de disponibilidade e de responsabilidade social, principalmente pelo interesse dos voluntários em desenvolver ações solidárias que atendam as necessidades imediatas das pessoas assistidas pelos serviços ofertados. Porém, assim como observado pela literatura, a maneira como o trabalho voluntário vem sendo realizado na OSC é marcada por alta rotatividade de profissionais, impactando em descontinuidade de atividades (RODRIGUES; RODRIGUES; PINHO, 2020; SOUZA; MEDEIROS, 2012) e fragilização de vínculos.

Na realização do estágio, foi possível observar que algumas atividades deixavam de ser ofertadas de maneira abrupta pelos voluntários, sem um aviso prévio dirigido à OSC e às pessoas da comunidade que participavam dessas atividades. Confirmou-se assim, na prática, que tais rupturas súbitas na oferta dos serviços fragilizam o processo de fortalecimento de vínculos entre a OSC e a comunidade.

Embora não se tenha obtido dos próprios voluntários os motivos que levaram ao encerramento de seus trabalhos na OSC, a literatura aponta algumas hipóteses que podem estar relacionadas a esta situação, como por exemplo: expectativas da referida organização não compactuadas pelos voluntários ou vice-versa (RODRIGUES; RODRIGUES; PINHO, 2020, p.3925), pouca participação da comunidade nas atividades ofertadas pelos voluntários, sobrecarga de atividades na agenda desses profissionais, que realizam o voluntariado em horários alternativos ao trabalho remunerado (SOUZA; MEDEIROS, 2012), oferta de atividades que não atendem às reais necessidades das pessoas assistidas pela OSC e a (in)disponibilidade de recursos materiais para a realização das atividades, seja por parte da OSC, seja por parte do profissional voluntário.

Por outro lado, houve voluntários que exerciam um trabalho mais longitudinal na organização e se mostraram envolvidos em um

processo grupal de pertencimento e de reconhecimento da importância de suas atividades com a população atendida e com a OSC. Para estes poucos, a interação comunidade-profissionais foi considerada amistosa e participativa, com repercussão positiva na oferta e na realização das atividades.

Práticas desenvolvidas na OSC: entre o assistencialismo e o desafio de uma práxis comunitário-libertária

Entre as práticas diárias desenvolvidas na OSC estão a entrega de cesta básica, doações de roupas e móveis, oferta de café da manhã, almoço e lanche da tarde para as pessoas participantes das atividades (grupos e oficinas) realizadas pelos voluntários. A oferta dessa alimentação ocorre a partir de doações da comunidade em geral e das parcerias estabelecidas entre a OSC e alguns comércios de gênero alimentício do município.

A partir dos dados obtidos, observou-se que a OSC experimenta, com frequência, a prática caritativa, e tem como desafio “o enfrentamento de uma realidade política, cultural e social marcada por conflitos, exploração, injustiça social, exclusão e miséria” (CRUZ; FREITAS; AMORETTI, 2010, p.85). No intuito de superar a prática caritativa, destaca-se a necessidade de que as atividades desenvolvidas pelos voluntários estejam embasadas na compreensão do contexto no qual estão inseridas as pessoas atendidas pela OSC: uma sociedade excludente, racista e opressora, em que a (re)produção das relações sociais e afetivas assenta-se no modo de produção capitalista.

O trabalho voluntário realizado na OSC carece da superação do olhar assistencialista, haja vista que a situação psicossocial das pessoas e dos grupos familiares atendidos demanda um aprofundamento de suas questões, indo além da imediatividade da satisfação de suas necessidades básicas. Romper com práticas que se assentam exclusivamente em propostas assistencialistas se mostra historicamente

uma tarefa necessária no campo do trabalho voluntário, principalmente quando estas se vinculam a discursos caritativos.

Em contrapartida, a literatura sinaliza que os trabalhos voluntários que se apoiam em uma práxis libertadora são potencialmente estimulantes para o desenvolvimento de processos de transformação da realidade dos cidadãos e da comunidade em face da vulnerabilidade social vivenciada. Nesse sentido, uma práxis comunitária-libertadora é capaz de “propiciar o desenvolvimento dos seus participantes e a potencialização da relação destes com o lugar onde vivem” (XIMENES; PAULA; BARROS, 2009, p.693).

Na perspectiva da Psicologia Social Comunitária, as práticas comunitário-libertadoras articulam horizontalmente tanto os conhecimentos e saberes científicos quanto os populares, e levam à emancipação (XIMENES; PAULA; BARROS, 2009). Ao apresentar como princípio o protagonismo das pessoas envolvidas em sua realização, aqueles que participam dessas práticas são considerados elementos ativos de todo o processo. Assim, quando considerado o potencial da OSC como via de acesso à comunidade, assumir o posto de protagonista de sua vida e dos processos de transformação de sua realidade, sob um olhar crítico e emancipador, apresenta-se como desafio e componente necessário a se realizar a partir dos trabalhos voluntários daquela organização.

Conclusão

Na realização do estágio, observou-se que, embora haja um bom relacionamento da OSC com a comunidade, a descontinuidade abrupta de atividades realizadas a partir do trabalho voluntário é um ponto que fragiliza o fortalecimento de vínculos entre a referida organização e as pessoas por ela atendidas. Verificou-se que os trabalhos voluntários ali realizados têm suas práticas assentadas em discursos de caridade e de benevolência, o que elucida os resquícios históricos

e culturais que ainda impregnam o trabalho social com comunidades carentes e vulneráveis socialmente.

Uma alternativa para a superação desse cenário seria apostar na promoção de ações educativo-políticas, reflexivas e críticas, a partir de uma práxis comunitário-libertadora como recurso para a emancipação humana. Entende-se que tal mudança tem potencial para impulsionar as pessoas para o exercício de criação coletiva e ativa de atividades focadas no fortalecimento do protagonismo comunitário e individual.

A realização do estágio possibilitou o entendimento de que o trabalho voluntário caritativo contribui para processos de manutenção da ordem vigente, e sua superação não se apresenta apenas como desafio para a OSC, mas também para a própria universidade, que a partir dos estágios deve se colocar como parceira ativa nesta transformação de paradigmas.

Referências

CRUZ, L. R.; FREITAS, M. F. Q.; AMORETTI, J. Breve história e alguns desafios da Psicologia Social Comunitária. *In*: SARRIERA, J. C.; SAFORCADA, E. T. (org.). *Introdução à Psicologia Comunitária: bases teóricas e metodológicas*. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 76-96.

FRIZZO, K. R. A investigação ação participante. *In*: SARRIERA, J. C.; SAFORCADA, E. T. (org.). *Introdução à Psicologia Comunitária: bases teóricas e metodológicas*. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 155-168.

HERRANZ, N. L.; NADAL, E. R. *Manual para el trabajo social comunitario*. Madrid: Narcea, S.A de Ediciones, 2004.

FREITAS, M. F. Q. Tensões na relação comunidade-profissional: implicações para os processos de conscientização e participação comunitária. *In*: LACERDA, J. R. F.; GUZZO, R. S. L. (org.). *Psicologia e Sociedade: interfaces no debate sobre a questão social*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2010. p.83-98.

OLIVEIRA, Evlyn Rodrigues. *Impacto do trabalho voluntário nos níveis de empatia, autoestima e bem-estar subjetivo*. 2018. 145 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

POLÍTICA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL – PNAS/2004: Norma Operacional Básica – NOB/SUAS. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – Secretaria Nacional de Assistência Social, 2005.

RODRIGUES, E.; RODRIGUES, L.; PINHO, A. P. M. Motivação para atuação no voluntariado: estudo de caso em uma organização não-governamental. Belo Horizonte, *Gestão e Sociedade*, v. 14, n. 40, p. 3923-3952, 2020.

SOUZA, W. J.; MEDEIROS, J. P. Trabalho voluntário: motivos para sua realização. Florianópolis. *Ciências da Administração*, v. 14, n. 33, p. 93-102, 2012.

XIMENES, V. M.; PAULA, L. R. C.; BARROS, J. P. P. Psicologia comunitária e política de assistência social: diálogos sobre atuações em comunidades. Brasília. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 29, n. 4, p. 686-699, 2009.